



GROENLÂNDIA

Irritado com decisão dos aliados de cerrar fileiras com a Dinamarca e responder à ameaça de sobretaxas comerciais, o presidente dos EUA insiste na anexação do território dinamarquês e “desaconselha” qualquer reação dos atingidos

Trump sobe o tom com a União Europeia

Um dia depois de ameaçar os parceiros europeus com a imposição de sobretaxas comerciais, caso insistam em agir contra sua pretensão de anexar aos Estados Unidos a Groenlândia, território autônomo pertencente à Dinamarca, o presidente Donald Trump desaconselhou os eventuais afetados pela represália de adotarem algum tipo de retaliação — passo cogitado por alguns governos de países-membros da União Europeia, que discutiram no domingo a crise com o aliado que lidera a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), pacto militar ao qual a maior parte deles é filiada. O governante norte-americano chegou a se endereçar nominalmente à Noruega, relacionando sua pretensão ao fato de ter sido preterido na outorga do prêmio Nobel da Paz.

Trump não esconde seu interesse pelo acesso do setor norte-americano de mineração às cobiçadas reservas de terras raras e outros minerais estratégicos presentes na ilha. A Groenlândia, situada entre Europa e América do Norte, nos limites do Círculo Polar Ártico, é a maior ilha do mundo. O presidente dos EUA alega que a superpotência “precisa” controlar o território para evitar que as rivais China e Rússia consolidem uma posição de hegemonia no Ártico. De início, oito países europeus formalizaram oposição frontal aos planos da Casa Branca e enviaram na última semana ao território uma “missão militar de exploração”.

“A Dinamarca não é capaz de proteger (a Groenlândia) da Rússia ou da China”, reiterou Trump em meio ao debate com os sócios da Otan e outros governos europeus — como o da Noruega, que, embora não integre a Otan, está entre os que mobilizaram efetivos para a visita ao território dinamarquês. Em mensagem endereçada ao premiê norueguês, Jonas Gahr Store, o presidente dos EUA insistiu na afirmação de que apenas o poderio militar norte-americano poderá evitar que russos e chineses se estabeleçam e controlem na prática a ilha. “O mundo não estará seguro a menos que tenhamos (os EUA) um controle total e completo sobre a Groenlândia”, escreveu.

Nobel da Paz

Passados três meses desde que o comitê norueguês que outorga o Nobel da Paz anunciou a escolha da líder oposicionista venezuelana María Corina Machado para receber o prêmio relativo a 2025, Trump

John Thys/AFP



Cartaz exibido no cenário glacial de Nuuk repele as pretensões de Trump sobre o território: “A Groenlândia não está à venda”

Jonathan Nackstrand/AFP



A chefe da diplomacia da UE entre representantes da Dinamarca (E) e Groenlândia

retomou o assunto na comunicação com Store. Voltou a questionar a escolha e a enaltecer as próprias credenciais, para ao fim sugerir que sua vocação conciliatória está “aposentada”, ao menos temporariamente. “Tendo em conta que seu país decidiu não me dar o Prêmio Nobel da Paz por ter detido oito guerras ou mais, já não

me sinto obrigado a pensar apenas na paz”, diz o texto, reproduzido largamente na mídia internacional. “Acredito que seja uma completa bobagem o presidente fazer isto por causa do Nobel”, respondeu o premiê.

No exercício de equilíbrio entre prestar solidariedade a um parceiro na União Europeia (UE) e na Otan, sem entrar em rota



Tendo em conta que o seu país (a Noruega) decidiu não me dar o Prêmio Nobel da Paz, já não me sinto obrigado a pensar apenas na paz”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

de colisão com a principal potência econômica e militar do planeta, os governos de Reino Unido, Alemanha e França se somaram à Noruega e outros países nórdicos na empreitada de estabelecer mecanismos conjuntos de defesa da Groenlândia contra “qualquer” ameaça. Autoridades dinamarquesas e da administração autônoma do

território visitaram ontem Bruxelas para discutir a crise com altos dirigentes da UE, em especial a representante do bloco para Política Externa e Segurança, Kaja Kallas.

“Insensatez”

Em Davos, na Suíça, onde participa da reunião anual do Fórum Econômico Mundial, o secretário norte-americano do Tesouro, Scott Bessent, reforçou o recado do presidente e classificou como “muito insensato”, da parte dos europeus, recorrer a qualquer tipo de retaliação contra eventuais medidas tarifárias adotadas por Washington. A UE terá na quinta-feira em sua sede, na capital belga, uma reunião de cúpula extraordinária para discutir a crise aberta pelas pretensões de Trump em relação à Groenlândia. Na véspera, o tema será tratado pelos ministros de Finanças dos países do G7, que agrupa as maiores economias do mundo — inclusive os EUA.

A Comissão Europeia (CE), braço executivo do bloco, se antecipou aos encontros dos próximos dias e conclamou as partes a optar “pelo diálogo”, em lugar de deixar-se arrastar por uma “escalada”. No mesmo tom, o chanceler (chefe de governo) da Alemanha, Friedrich Merz, insistiu na urgência de “evitar, na medida do possível” uma guerra tarifária — tanto mais depois que muitos países, inclusive Brasil, conseguiram reverter a sobretaxas anunciadas por Trump ao longo do ano passado, unilateralmente. Merz anunciou que tentará se reunir amanhã, em Davos, com o presidente dos EUA, à margem da reunião anual do Fórum Econômico Mundial.

No fim de semana, Trump anunciou que, a partir de 1º de fevereiro, Dinamarca, Noruega, Suécia, França, Alemanha, Reino Unido, Países Baixos e Finlândia estariam sujeitos a uma tarifa de 10% sobre todos os produtos enviados aos EUA. Os oito alvos são os países que se uniram à missão militar enviada à Groenlândia. De acordo com o ministro alemão das Finanças, Lars Klingbeil, a eventual resposta a um novo tarifaço de Trump poderia se desdobrar em três direções. Em primeiro lugar, a suspensão dos acordos tarifários fechados com os EUA, seguida pela efetivação de contratarifas sobre importações com origem nos EUA, congeladas até fevereiro. Por fim, a UE poderia lançar mão de mecanismos comunitários para se contrapor à “chantagem econômica”.

PORTUGAL

Começa a luta pelo segundo turno

O candidato do Partido Socialista e da esquerda à presidência de Portugal, António José Seguro, entra em campanha para o segundo turno da disputa sabendo que, se eleito em 8 de fevereiro, e ainda que comece a disputa como favorito, terá de estudar inflexões políticas e ajustar o discurso para superar o rival de extrema-direita, André Ventura, do partido Chega. Seguro saiu da primeira etapa com 31,1% dos votos, contra 23,5% para o próximo rival direto, que teve 23,5%.

Antes mesmo da votação deste domingo, as pesquisas de opinião antecipavam um tira-teima entre Seguro e o rival ultradireitista. A surpresa das urnas, no domingo, foi a vantagem inicial obtida pelo esquerdistas, já que as sondagens apontavam Ventura como favorito para liderar a primeira etapa da votação — ainda que as pesquisas coincidissem na tendência a uma vitória do PS no tira-teima. Ainda assim, a ascensão do Chega em uma eleição de âmbito nacional parece confirmar que a extrema-direita, com seu discurso anti-imigração, ultranacionalista e anti-União Europeia, tem caminhos abertos para seguir o caminho de se firmar entre as forças políticas decisivas no continente.

“É um passo a mais para o crescimento eleitoral e político dos radicais, no contexto da direita em Portugal”, comentou, em entrevista para a agência

de notícias France-Presse (AFP), o cientista político António Costa Pinto, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS). “O que importa, agora, é o nível de hegemonia à direita que Ventura obterá em função de seu desempenho no segundo turno”, em 8 de fevereiro, acrescentou.

Com a passagem para o segundo turno das eleições presidenciais, André Ventura se apresenta como desafio crescente para os partidos tradicionais, em particular para o chefe de governo minoritário de direita Luis Montenegro. O líder do Chega abriu clara vantagem sobre o candidato liberal João Cotrim Figueiredo, terceiro colocado no pleito de domingo, com 16% dos votos. Mais importante, Ventura se impôs sobre o candidato da atual maioria governista de direita moderada, Luis Marques Mendes, relegado ao quinto lugar, com apenas 11,3% dos votos.

“É um passo a mais para o crescimento eleitoral e político da direita radical, no contexto político de Portugal”, admitiu, em declaração à AFP, o cientista político António Costa Pinto, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS). “O que importa, agora, é o nível de hegemonia que Ventura obterá, no âmbito da direita, em função de seu desempenho eleitoral” no segundo turno, acrescenta. Costa Pinto vê, no horizonte

imediatos, “um grande problema para um governo minoritário, como o de Montenegro, que terá de negociar com André Ventura para sobreviver”.

Ilustra o dilema do premiê, segundo o analista, o fato de que, diante do resultado do primeiro turno, ele descartou a ideia de orientar claramente aos simpatizantes o voto no candidato socialista em 8 de fevereiro — ainda que Seguro seja um político muito bem relacionado com a faixa de centro do espectro político português. “Isso pode servir no curto prazo, para não aumentar o eleitorado de Ventura, mas a ausência de limite pode acabar por penalizá-lo eleitoralmente”, observa Paula Espírito Santo, professora de ciências políticas do Instituto de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa (ISCSP).

Ela avalia que, mesmo sem ter chegado à frente no primeiro turno — como estava delineado nas sondagens —, o líder do Chega obteve “uma grande vitória, porque superou a direita tradicional e confirmou o status de líder da oposição”, alcançado nas legislativas de maio passado, quando sua legenda obteve 22,8% dos votos e fez mais deputados que o Partido Socialista, uma força política de longa tradição. Paula Espírito Santo arrisca que a atual disputa pela presidência pode servir de “trampolim” para Ventura, com vistas às próximas eleições legislativas. “O objetivo dele é tornar-se primeiro-ministro, algum dia”.

Patrícia de Melo Moreira/AFP



O candidato socialista, José António Seguro, festeja a liderança no primeiro turno

Incerto

Ela vê o candidato do PS como favorito no segundo turno, dentro de três semanas, em coro com os números das pesquisas de opinião e com as projeções quase unânimes dos analistas. “António José Seguro será, provavelmente, o próximo presidente”, concorda António Costa Pinto. “Mas ele deve mobilizar os eleitores com mais força”, aconselha. “Sempre há uma parcela de imprevisibilidade”, reforça Espírito Santo, embora ela

própria considere “muito difícil” que o candidato da extrema-direita consiga virar o jogo.

Os observadores coincidem em que o candidato de centro-esquerda continuará jogando com a carta da moderação, para avançar entre os eleitores do centro e da centro-direita. Ventura, ao contrário, tende a buscar a “polarização” e a fazer “chantagem” com outros dirigentes de direita, ao ponto de responsabilizá-los pela vitória eventual da esquerda, caso não o apoiem com suficiente clareza.